

O AUTISMO E O DESAFIO DE INCLUSÃO NA PERSPECTIVA DA INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL

Giovana Aparecida do Prado¹

Eliana Anunciato Franco de Camargo²

RESUMO

A inclusão do aluno com o espectro autista é de suma importância, pois se trata de um transtorno que afeta o neurodesenvolvimento do indivíduo. De modo análogo às crianças típicas, é de suma importância que o processo de ensino e de aprendizagem de alunos inseridos nesse grupo seja iniciado na infância. Entretanto, diversos educadores relatam dificuldades para lidar com as estereotípias comportamentais que esses educandos demonstram. Diante disso, questionou-se sobre a possibilidade de o professor estar despreparado e se esse despreparo pode afetar o desenvolvimento social e cognitivo do aluno com autismo na escola. Nessa pesquisa, o objetivo foi indicar subsídios que demonstrem como a análise comportamental, com o intuito de pensar sobre possíveis ações que pode auxiliar professores da educação infantil a intervirem efetivamente na inclusão de alunos que possuem autismo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas com professores da rede pública de ensino de um município do interior paulista e que apontou, em seus resultados, dificuldades desses educadores em relação à comportamentos disruptivos dos alunos autistas. Conclui-se que a análise comportamental pode ser uma estratégia para intervenções que resultem em benefícios no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas por facilitar e permitir a mediação de forma a mitigar as barreiras comportamentais impostas pelo transtorno.

Palavra-chave: Análise comportamental; Estratégias; Intervenção; Educação Infantil; Autismo.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a inclusão do aluno autista na educação infantil. O autismo é um transtorno que afeta o neurodesenvolvimento do indivíduo, ainda nos primeiros anos de vida, trazendo reflexos no processo de desenvolvimento social e cognitivo da criança. Nesse sentido, é importante que a criança seja diagnosticada preferencialmente antes dos 3 anos de idade, pois quanto mais cedo o Transtorno do Espectro Autista (TEA) for diagnosticado, maiores serão as possibilidades e

1 Graduada do curso de Pedagogia do Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal - UNIPINHAL.

2 Doutorado em Biologia Animal, na área de Relações Antrópicas e Parasitologia, mestrado em Parasitologia, especialização em Docência na Saúde, Educação a Distância, Mídias na Educação, Gestão e Organização da Escola, Pedagogia Hospitalar e Intervenção ABA aplicada ao Transtorno do Espectro Autista, graduação em Biologia, Pedagogia, Marketing, Administração, Design Editorial e Educação Especial. Tem experiência na área de Parasitologia, com ênfase em Entomologia e Malacologia de Parasitos e Vetores e na área de Ensino e Aprendizagem.

oportunidades da criança se desenvolver e ter qualidade na vida adulta (SILVA *et al.*, 2022).

Legalmente, a pessoa com autismo é considerada uma pessoa com deficiência. Dessa forma, o educando que possui o espectro autista tem todos os direitos assegurados perante a sociedade especialmente em relação à inclusão em instituições escolares (BRASIL, 2012).

Para os portadores do TEA a inclusão em escola regular, sobretudo na educação infantil, que engloba a fase de desenvolvimento social, cognitivo e motor intensos, gera benefícios para uma vida inteira, garantindo direitos civis principalmente na educação, que é a base primordial para o desenvolvimento do indivíduo com TEA (PERIN, 2015).

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), é possível verificar nos

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação De caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público (BRASIL, 2022, p. 40).

Apesar dos educadores serem os mediadores no processo de ensino e aprendizagem, muitos relatam dificuldades para lidar com os alunos autistas, principalmente em relação a questões comportamentais. Sendo assim, o processo da intervenção comportamental através de estratégias na inclusão do aluno que possui TEA na educação infantil, pode ser uma aliada em se tratando de subsidiar o professor dentro da sala de aula. A análise comportamental é uma ciência baseada nos estudos sobre o Behaviorismo do psicólogo norte-americano Burrhus Frederic Skinner, apesar da técnica behaviorista não ser unânime se trabalha com o comportamento do indivíduo com o intuito de construir os repertórios e habilidades essenciais para desenvolvimento social e cognitivo (MARTIN, PEAR, 2009).

Com aumento expressivo no número de crianças diagnosticadas com o Transtorno do espectro autista (SILVA *et al.*, 2022), os professores da educação infantil têm se deparado com inúmeras dificuldades quando o assunto é lidar com esse público. Nesse sentido, as principais queixas são referentes a comportamentos inapropriados dentro das salas de aula.

Desta forma, questionou-se acerca da falta de preparo do educador como uma questão que afeta de forma direta o desenvolvimento social e cognitivo do aluno que possui autismo.

As hipóteses foram as de que o processo de ensino e de aprendizagem, além do desenvolvimento social e cognitivo do aluno autista são intimamente relacionados ao preparo do educador dessa fase, de modo que a inabilidade do professor em conduzir tal processo pode resultar em prejuízo na comunicação e na interação social, além de defasagem de aprendizagem. A falta de conhecimento básico e preparo em questão da funcionalidade comportamental é algo que contribui de forma negativa para o desenvolvimento do aluno autista. Assim, segundo Santos (2008, p. 8)

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área.

Desse modo, a análise comportamental dentro da sala de aula se destaca como estratégia para auxiliar professores em relação a problemas comportamentais como por exemplo a falta de comunicação, interação, comportamentos opostos, controladores e estereotipados, defasagem de aprendizagem e possíveis barreiras mediante intervenções e estratégias na inclusão do aluno autista na educação infantil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo que se configurou como um estudo qualitativo, de coleta de dados primários, desenvolvida através da aplicação de entrevistas semiestruturadas a 04 (quatro) professoras da rede pública de ensino, que atuam na educação infantil, num município do interior paulista.

Objetivou-se relacionar os relatos dessas professoras quando da presença de comportamentos disruptivos em alunos com TEA ao modo como desenvolvem o trabalho pedagógico na educação infantil. O que se buscou foi comparar as dificuldades apontadas com as possibilidades que poderiam ser utilizadas quando se analisa a situação sob a ótica da análise comportamental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As quatro professoras entrevistadas foram receptivas e responderam aos questionamentos realizados. Somente uma das professoras não demonstrou interesse em participar, porém não se opôs a responder o que foi solicitado.

Pode-se perceber que todas as educadoras encontram no seu dia a dia, no trabalho com os educandos que possuem TEA, comportamentos disruptivos semelhantes. Ao serem questionadas sobre a presença desses comportamentos, os relatos apontam que:

E3: “A maior dificuldade é a falta de conhecimento e orientações para fazer a adaptação de atividades e falta de tempo para sentar e trabalhar com ele”

E4: “Maior dificuldade é receber um autista em uma sala numerosa, sem ter nenhum recurso para o atendimento deste aluno com necessidades especiais. E o professor não recebe nenhuma capacitação”

Desse modo, as queixas são relacionadas ao despreparo para desenvolver um trabalho pedagógico com o aluno em questão e a sensação de falta de apoio. No entanto, quando se fala em inclusão do educando com autismo é necessário que se realize um trabalho especializado, afinal o discente que possui TEA tem comportamentos que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem (SANTOS, 2008). Dessa forma, o professor deve se antecipar e não ficar esperando a chegada de um aluno autista para se preparar para atendê-lo. O ideal é um preparo prévio, especialmente quando se considera o aumento dos diagnósticos feitos nos últimos anos (SILVA *et al.*, 2022).

O comportamento do aluno autista é complexo, sendo classificado considerando vários graus, desde leve até severo (CAMARGO, RISPOLI, 2013). Especificamente sobre isso, o educador precisa ter amparo formativo para desenvolver e propiciar formação adequada de modo que o aluno possa aprender efetivamente. Sobre esse quesito, as educadoras entrevistadas indicam

E1: “Quando se tem um autista dentro da sala de aula é diferente, se leva um tempo para conhecer e se adaptar a ele”

Sendo assim, constatou-se que no cotidiano dentro de sala de aula, o educador encontra uma certa dificuldade para desenvolver seu trabalho, porém para que a

inclusão possa acontecer e tenha resultados positivos, é necessário que o professor, apesar das barreiras, esteja preparado pois, na condução de seu trabalho pedagógico, será possível ou não, propor intervenções que facilitem e auxiliem os alunos (PIMENTEL, FERNANDES, 2014).

Ainda nas entrevistas, foi possível perceber que as maiores dificuldades citadas na condução das aulas no cotidiano esbarram na necessidade de controlar os alunos, na ausência de interação social e comunicação falha.

E4 “Procuro respeitar seus limites e necessidades, desde que esse comportamento não o prejudique ou afete os outros alunos. Se perceber que é birra, tento tirá-lo daquela situação, levando para algum lugar mais calmo, onde ele possa se acalmar e só depois, conversar com ele para que perceba que o que fez é inadequado e assim poderá se juntar a sua turma novamente”

E1: “Quando ele fala não e vejo que ele está irritado é não bater de frente, espera ele se acalmar e depois retoma, se bater de frente vai criar um caso horroroso, vai te estressar e não vai adiantar nada”

Neste sentido, embora as entrevistadas citem a realização de intervenções, o comportamento é a questão global que envolve as maiores dificuldades para lidar com o autismo diariamente nas escolas regulares. Segundo Skinner:

O comportamento não é um desses assuntos que se tornam acessíveis somente com a invenção de um instrumento tal como o telescópio ou o microscópio. Todos nós conhecemos milhares de fatos sobre o comportamento. Realmente, não há assuntos com o qual pudéssemos estar melhor relacionados, pois estamos sempre na presença de pelo menos um organismo que se comporta (SKINNER, 1979, p. 15).

Desta maneira, a análise comportamental por meio das estratégias de intervenção se torna uma grande aliada para compreender e manejar esses comportamentos e auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do aluno autista (CAMARGO, RISPOLI, 2013).

A análise do comportamento surge nesse contexto como uma possibilidade de mediação de comportamentos inadequados que resulta em evolução significativa. Para isso, é importante que o professor perceba as razões/motivação para que comportamentos disruptivos apareçam e seus desencadeadores. A partir daí, é

possível planejar intervenções para que os alunos possam progredir e desenvolver o processo social e de aprendizagem (CAMARGO, RISPOLI, 2013).

Após o educador analisar o motivo pelo qual o aluno autista demonstra determinados comportamentos inadequados e suas maiores dificuldades dentro da sala de aula, é necessário que o educador e toda a equipe pedagógica, organizem um Plano Educacional Individualizado (PEI) para a criança. Esse instrumento possibilita fazer adaptações curriculares, visando as habilidades básicas e essenciais que os educandos com TEA precisam atingir (COSTA; SCHMIDT, 2019).

Somente uma das entrevistadas citou o PEI, porém não especificou se desenvolve seu trabalho baseado nas informações dele.

E3: “A criança deve ter um plano individual de tratamento com programas que devem ser reavaliados regularmente, visando potencializar seu desenvolvimento”

Durante os relatos também se verificou algumas situações comportamentais:

E4: “Na maioria das vezes que fez birra, foi quando foi contrariado, não aceitando o não”

E1: “Ele não entendia regras, não sabia o que não podia, para ele era uma festa, então ele agredia os companheiros”

Nos relatos, é possível reconhecer comportamento de controle, ou seja, o educando quer ser o controlador da situação e fazer somente o que ele deseja (MARTIN, PEAR, 2009).

Utilizando a análise comportamental, nessa situação, a orientação é que seja trabalhado o “não” com essa criança, através de regras fixadas na parede, além de utilizar instruções claras, simples e diretas, que facilitem o entendimento da mesma (KHOURY *et al.*, 2014).

Outra possibilidade envolve o reforçamento positivo, que consiste em separar para cada comportamento adequado da criança e ressaltá-lo. Esse reforço tem como intuito aumentar a frequência de comportamentos adequados quando ocorrerem situações semelhantes em diferentes momentos (MARTIN, PEAR, 2009).

Neste cenário, a sugestão é que, a cada momento que a criança realizar atividades e ações que vão em contrapartida do comportamento controlador, a educadora ressalta esse comportamento com reforçadores sociais (elogios),

reforçadores por meio de brinquedos que o educando gosta, reforçadores alimentícios ou reforçadores com contato físico, como abraços por exemplo ((KHOURY *et al.*, 2014).

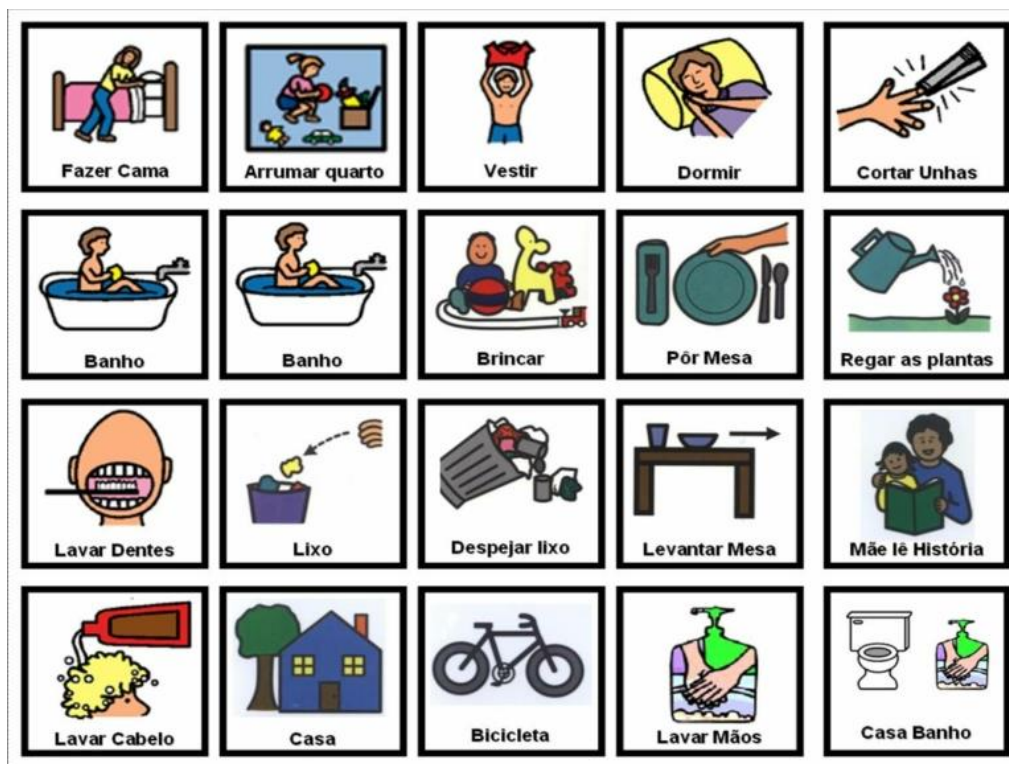
Outra questão comportamental abordada pelas educadoras entrevistadas é a dificuldade de comunicação e a falta de interação. No relato, a professora cita:

E1: “Ele não fala bem, então tenho que tentar adivinhar o que ele está falando”

Para essa dificuldade, é possível sugerir a utilização de pranchas de Comunicação Alternativa Ampliada (CAA) que, além de serem considerados como tecnologia assistiva, é muito eficiente para potencializar a comunicação (TOGASHI, WALTER, 2016).

A CAA possibilita, através de recursos visuais, que a criança autista com dificuldade de comunicação, possa interagir e se expressar, construindo dessa forma sua autonomia. A CAA enquanto recurso visual é composta por símbolos e figuras pictográficas, ideográficas, arbitrárias, por exemplo o *The Picture Exchange Communication System* (PECS) (Fig. 1) (TOGASHI, WALTER, 2016).

Figura 1 – Sistema de comunicação por troca de figura (PECS)



Para os problemas apontados nas entrevistas, as educadoras podem utilizar as figuras nas rotinas visuais para que os alunos autistas possam reconhecer a dinâmica das aulas. É interessante que as pranchas com várias figuras e símbolos estejam disponíveis para que o educando possa escolher e utilizar na sua comunicação, apontando a sua opinião sobre o que for trabalhado. Além disso, as pranchas podem ser levadas para casa, possibilitando a comunicação em outros ambientes e reforçando a ferramenta utilizada na escola para expressar seus desejos e necessidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa mostra os diversos problemas e dificuldades que o professor da educação infantil tem em lidar com a criança autista e os comportamentos que o mesmo demonstra dentro da sala de aula. Nesse sentido, a pesquisa evidenciou que a falta de preparo do educador é um ponto que afeta de forma direta o desenvolvimento social e cognitivo do aluno com TEA quando se considera questões comportamentais.

Além disso, foi possível evidenciar que a intervenção comportamental quando utilizada em sala de aula pode ser grande aliada, facilitadora e principalmente mediadora, auxiliando e dando suporte tanto para o professor quanto para o aluno com TEA de modo que seja possível minimizar a defasagem de aprendizagem e algumas barreiras comportamentais impostas.

Especificamente, a pesquisa apontou que o comportamento está altamente ligado ao desenvolvimento social, à comunicação e, conseqüentemente, à interação social. Desse modo, esse estudo retratou como as estratégias de intervenção selecionadas pelos professores são importantes para o desenvolvimento das atividades dentro da sala de aula, especialmente quando se trata de mitigar comportamentos inadequados, possibilitando que o aluno possa progredir e se desenvolver dentro de suas especificidades educacionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em 29 maio 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 6. ed. Brasília. Senado Federal, Coordenação de edições técnicas, p. 61, 2022. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/600653>. Acesso em 31 maio 2023.

CAMARGO, S. P. H; RISPOLI. M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.26, n.47, p. 639-650, 2013.

COSTA, D. S; SCHMIDT, C. Plano Educacional Individualizado para Estudantes com Autismo: revisão conceitual. **Cadernos de Educação**. N.61, 102-128, 2019.

GOMES, C.G.S.; SOUZA, D. G.; SILVEIRA. A. D.; OLIVEIRA, I. M. **Intervenção Comportamental Precoce e Intensiva com Crianças com Autismo por meio da Capacitação de Cuidadores** (Relato de pesquisa), Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial- ABPEE, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/VFw6H8smGqFMghsg8TRDKxK/>. Acesso em 30 ago. 2023.

KHOURY, L. P.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; CARREIRO, L. R. R.; SCHWARTZMAN, J. S.; RIBEIRO, A. F.; CANTIERI, C. N. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**. Programa de Pós-graduação em Distúrbios de desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/3155.pdf>. Acesso em 26 maio 2023.

MARTIN, G.; PEAR. J. **Modificação de comportamento: o que é e como fazer**. 8.ed. São Paulo: Roca, 2009.

PERIN, J. A. **Inclusão de crianças autistas na educação infantil**. 47f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Pedagogia) – Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Erechim, 2015. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/493/1/PERIN.PDF>. Acesso em 02 jun. 2023.

PIMENTEL, A. G. L; FERNADEZ, F. D. M. **A Perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças que possuem autismo**, 171f. Dissertação de Mestrado - Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia, e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/S9vVj4QZJHQrnsZy3Tx55Tj/#>. Acesso em 07 nov. 2023.

SANTOS, A. M. T. **Autismo: Desafios na alfabetização e do convívio escolar**. 36f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização Lato Sensu em Distúrbios de Aprendizagem), CRDA, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1588295-Ana-maria-tarcitano-dos-santos-autismo-desafio-na-alfabetizacao-e-no-convivio-escolar.html>. Acesso em 07 jun. 2023.

SILVA, E.; ORLANDELI, F.; MOTA, G.; HÜBNER, I. C. **O papel do diagnóstico precoce de TEA em crianças para o desenvolvimento escolar**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/29283>. Acesso em 02 jun. 2023.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 11^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOGASHI, C. M; WALTER, C.C. F. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com o Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.22, n.3, p.351-366, 2016.